

Daniela Remião de Macedo
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020



ARTES:

PROPOSTAS E ACESSOS

Daniela Remião de Macedo
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2020



ARTES:

PROPOSTAS E ACESSOS

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Karine de Lima Wisniewski
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Daniela Remião de Macedo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A786 Artes [recurso eletrônico] : propostas e acessos /
Organizadora Daniela Remião de Macedo. – Ponta
Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-393-4

DOI 10.22533/at.ed.934201709

1. Artes – Pesquisa – Brasil. I. Macedo, Daniela
Remião de.

CDD 701

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Este livro apresenta 23 capítulos com artigos de pesquisadores das artes atuantes em diferentes instituições de ensino superior no país e no exterior.

Inicialmente, é apresentada uma discussão teórica a respeito das propostas epistêmico-terminológicas dos termos “arte” e “artes”. Em seguida, textos abordando diversas áreas artísticas são organizados de acordo com as experiências e reflexões dos autores relacionadas ao cinema, fotografia, teatro, dança, música, e suas inter-relações, além da educação das artes.

A coletânea se encerra com dois artigos que entrelaçam explicitamente as pesquisas em arte com o momento atual que a humanidade enfrenta: o isolamento social devido à pandemia que alterou a vida de todos nós durante este ano de 2020.

Nos textos aqui reunidos, mesmo os que não abordam pesquisas desenvolvidas durante a pandemia ou façam referência a este período, observa-se que o corpo, como forma de expressão artística, se mostra intensamente presente, talvez um reflexo inconsciente das restrições de movimentação que o isolamento social nos impõe.

Nesse momento, em que enfrentamos insegurança quanto à saúde e incerteza em relação ao futuro, sintonizarmos com a arte nos permite uma forma criativa e agradável de lidarmos melhor com a sensibilidade que a situação nos faz aflorar.

A arte aliada à tecnologia, tem conseguido romper barreiras neste momento de quarentena, graças ao trabalho sensível e à interação dos artistas com diversos públicos. Apesar do distanciamento físico, os muros do preconceito à tecnologia são derrubados, permitindo com que a criatividade dos artistas entrem em nossas casas, e estejam mais próximas do que nunca, ampliando audiências e ultrapassando estigmas.

Neste sentido, essa publicação em forma de e-book, concretizada durante este período de isolamento, representa também uma forma da arte, através dos escritos de pesquisadores, encontrar público e se fazer presente através do meio digital.

Agradecemos à Atena Editora pelo contínuo trabalho de divulgação de pesquisas científicas, especialmente na área artística, e pela oportunidade de organização deste livro.

Aos leitores, propomos uma agradável imersão nas pesquisas dos autores de “Artes: Propostas e Acessos” que conduza a proveitosas reflexões, tendo as artes como fio condutor. A proposta foi dada, o acesso é irrestrito!

Boa leitura!

Daniela Remião de Macedo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ARTE OU ARTES: IDEOLOGIA REPRESENTATIVA <i>VERSUS</i> EPISTEMOLOGIA DA ÁREA Edson Hansen Sant’Ana DOI 10.22533/at.ed.9342017091	
CAPÍTULO 2	23
QUEM ESSE ESPETÁCULO PENSA QUE VOCÊ É? MODOS DE ENDEREÇAMENTO NO CINEMA E NAS ARTES PRESENCIAIS Milena Pereira dos Santos DOI 10.22533/at.ed.9342017092	
CAPÍTULO 3	32
“LÚCIO FLÁVIO – PASSAGEIRO DA AGONIA”, “EU MATEI LÚCIO FLÁVIO” E “REPÚBLICA DOS ASSASSINOS”, UM OLHAR SOBRE O ESQUADRÃO DA MORTE CARIOCA NOS ANOS 70 Eduardo Marcelo Silva Rocha Hamilcar Silveira Dantas Junior DOI 10.22533/at.ed.9342017093	
CAPÍTULO 4	44
VER-A-CIDADE: UMA DÉCADA DEDICADA À FOTOGRAFIA EM MARABÁ Cinthya Marques do Nascimento Erivan França Araújo da Silva DOI 10.22533/at.ed.9342017094	
CAPÍTULO 5	57
VISIBILIDADES DO CORPO ENFERMO Juçara de Souza Nassau DOI 10.22533/at.ed.9342017095	
CAPÍTULO 6	71
DO TEATRO AO CINEMA NEGRO NO BRASIL: MARCAS EM SERGIPE Wolney Nascimento Santos Fabio Zoboli DOI 10.22533/at.ed.9342017096	
CAPÍTULO 7	84
MOTIVOS PARA SE DESEJAR UM TEATRO AUTOFICCIONAL Raíza Cardoso dos Santos DOI 10.22533/at.ed.9342017097	
CAPÍTULO 8	89
QUADRO EM BRANCO: TEATRO EM PROCESSO Rosyane Trotta Johana de Albuquerque Cavalcanti	

Jacyan Castilho de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.9342017098

CAPÍTULO 9..... 99

O DUPLO CHAMADO TERNURINHA

Stefanie Liz Polidoro

DOI 10.22533/at.ed.9342017099

CAPÍTULO 10..... 106

VOZ EM VÓS: O RECONHECIMENTO DO HUMANO ATRAVÉS DA VOZ NO TEATRO

Shadiyah Venturi Becker

DOI 10.22533/at.ed.93420170910

CAPÍTULO 11..... 116

A TRADIÇÃO ARTÍSTICO-PEDAGÓGICA DA CENA LÚDICA RUSSA – DIÁLOGOS COM O SISTEMA

Viviane Costa Dias

DOI 10.22533/at.ed.93420170911

CAPÍTULO 12..... 120

ATRAVessar- MEDIAÇÃO EM/SOBRE POÉTICAS DA CENA NO CARIRI CEARENSE

Suzana Carneiro de Souza

Paulo Andrezio Sousa e Silva

Gabriel Ângelo de Luna Silva

DOI 10.22533/at.ed.93420170912

CAPÍTULO 13..... 131

ARTES: PROPOSTAS, ACESSOS E INTERSECÇÕES PARA O SÉCULO XXI

Adriana Gomes de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.93420170913

CAPÍTULO 14..... 143

DANÇA AFRO-BRASILEIRA: UM PATRIMÔNIO CULTURAL DE HERANÇA AFRO-DIASPÓRICA

Artenilde Soares da Silva

Francisco Elismar da Silva Junior

DOI 10.22533/at.ed.93420170914

CAPÍTULO 15..... 161

O CÍRCULO ARTISTA, ARTE E OBRA

Elaine Erhardt Rollemberg Cruz

DOI 10.22533/at.ed.93420170915

CAPÍTULO 16..... 166

A DANÇA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: PARA SE PENSAR EM UMA “DESEDUCAÇÃO” DO CORPO

Nicole Blach Duarte de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.93420170916

CAPÍTULO 17	171
UMA ATIVIDADE DE EXTENSÃO DESENVOLVIDA NA FACULDADE DE DANÇA ANGEL VIANNA	
Vera Regina Rebello Terra Ausonia Bernardes Monteiro José Geraldo Furtado Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.93420170917	
CAPÍTULO 18	178
CORO INFANTOJUVENIL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO ARTÍSTICO-MUSICAL, COGNITIVO E PSICOSSOCIAL	
Ana Lúcia Iara Gaborim-Moreira Keyla Lima Brito e Silva Vanessa Araújo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.93420170918	
CAPÍTULO 19	190
ARTE URBANA E CIDADANIA: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA E FRUIÇÃO	
Fellipe Eloy Teixeira Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.93420170919	
CAPÍTULO 20	202
PROCESSO HISTÓRICO DO MIRITI, VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS , LEITURA , ALFABETIZAÇÃO , EDUCAÇÃO , CURRÍCULO E ÁREAS DO CONHECIMENTO NA COMUNIDADE PARAMAJÓ	
Jonata da Trindade Ferreira Maria do Socorro Fonseca Rodrigues José Francisco da Silva Costa Manoel Carlos Guimarães da Silva Ana Paula Trindade de Freitas Benezade Barreto da Trindade Maria da Trindade Rodrigues de Sarges Jhonys Benek Rodrigues de Sarges João Batista Santos de Sarges Maria Flaviana Couto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.93420170920	
CAPÍTULO 21	217
REFLEXÕES SOBRE OS ESTUDOS DA PERFORMANCE E TEORIA DO FLUXO NA EDUCAÇÃO EM CONTEXTO DE PANDEMIA	
Estela Vale Villegas	
DOI 10.22533/at.ed.93420170921	
CAPÍTULO 22	227
SUBJETIVIDADE E POLÍTICA NA ARTE CONTEMPORÂNEA AUTOBIOGRÁFICA	
Lucas Alberto Miranda de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.93420170922	

CAPÍTULO 23.....	235
<i>FENÊTRE ET MIROIR: EXPANDINDO ESPAÇO E CONHECIMENTO ATRAVÉS DA JANELA E DO ESPELHO</i>	
Daniela Remião de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.93420170923	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	247
ÍNDICE REMISSIVO.....	248

Data de aceite: 08/09/2020

Juçara de Souza Nassau

RESUMO: Essa pesquisa busca compreender o estatuto que as fotografias adquirem no contexto médico. Para tanto, são utilizadas as fotografias produzidas e colecionadas pelo artista plástico, fotógrafo e médico búlgaro Konstantin Christoff (1923-2011). Especificamente serão estudados os retratos dos enfermos internados na Santa Casa de Misericórdia de Montes Claros-MG, na década de 1950. Nessa coleção, poucos desses retratos são norteados por poses que se baseiam na visualização objetiva dos corpos e, nesse caso, podem ser consideradas médico-científicas. Assim, ao analisar a visualização das poses em encenações performáticas - nessas imagens fixas- torna-se necessário levar em conta a produção fotográfica com pretensões científicas produzida em meados do século XIX ao início do século XX. Nessa esteira, considero as possíveis relações, aproximações e/ou distanciamentos com as representações do corpo: tanto aquelas consideradas de cunho científico como outras que se orientam pelas práticas artísticas. Desses imbricamentos entre as representações do corpo enfermo pela arte e pela ciência proponho reflexões a partir dos registros fotográficos produzidos através das percepções do sujeito artista e médico, ambos construtores de sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia médica, encenações, Konstantin Christoff.

ABSTRACT: This research seeks understand the status that photographs acquire in the medical context. For this purpose, the photographs produced and collected by the Bulgarian artist, photographer doctor Konstantin Christoff (1923-2011) are used. Specifically, the portraits of the patients hospitalized at the Santa Casa de Misericórdia de Montes Claros-MG, in the 1950s will be studied. In this collection, few of these portraits are guided by poses that are based on the objective visualization of bodies and, in this case, can be considered medical-scientific. Thus, when analyzing the visualization of poses in performance performances - in these still images - it becomes necessary to take into account the photographic production with scientific pretensions produced in the mid-19th century to the beginning of the 20th century. In this context, I consider the possible relationships, approximations and / or distances with the representations of the body: both those considered of a scientific nature and others that are guided by artistic practices. From these imbrications between the representations of the sick body through art and science, I propose reflections based on the photographic records produced through the perceptions of the artist and doctor, both constructors of meanings.

KEYWORDS: Enactments, medical images, Konstantin Christoff.

1 | INTRODUÇÃO

Este estudo trata das representações do corpo pela ciência. Nesse sentido, objetivo compreender o estatuto que as fotografias adquirem nesse contexto. Para tanto, serão investigados os retratos produzidos pelo médico e artista plástico búlgaro Konstantin Christoff (1923-2011), em meados da década de 1950 dos enfermos internados na Santa Casa de Misericórdia de Montes Claros¹.

Entendo que o médico/fotógrafo/artista diante do potencial da fotografia e da possibilidade de criar um acervo visual de doenças e doentes posiciona-se entre o registro médico do normal e do patológico; da documentação fotográfica médica e aquela de inspiração artística modernista, advinda da prática fotoclubista. Assim, pretendo enfatizar as produções fotográficas médico-científicas que envolvem tanto o fazer artístico quanto as suas relações com os registros de cunho científico.

Portanto, torna-se necessário refletir a respeito da inexatidão presente nas primeiras imagens fotográficas médicas e as suas intercessões com a arte. Para tanto, entrelaço as representações que se posicionam entre o normal e patológico ao analisar a produção e a visualização das poses em encenações performáticas: tanto aquelas consideradas de caráter antropométrico como aquelas consideradas artísticas, quanto as possíveis aproximações entre ambas. Nesse estudo comparativo observo os enquadramentos para retratar os pacientes em busca de suas características, especialmente da estética fotográfica pictorialista.

Nessa esteira, considerando a produção de imagens médicas como um instrumento de pretensões precisas a ser utilizado pela ciência, questiono o seu valor de evidência e discuto sobre a fotografia produzida com pretensões científicas em meados do século XIX ao início do século XX e as possíveis aproximações com as fotografias produzidas por Konstantin Christoff.

2 | O SERTÃO: CENÁRIO DO MÉDICO/FOTÓGRAFO/ARTISTA

Konstantin Christoff nasceu em Strajitza, na Bulgária, em 1923. Radicou-se no Brasil a partir de 1933, residindo em Minas Gerais, mais especificamente na cidade de Montes Claros (SILVEIRA e COLARES, 1995). Formou-se em Medicina em 1948 pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tendo chefiado o Serviço de Cirurgia da Santa Casa de Misericórdia de Montes Claros, onde atuou como médico cirurgião geral e cirurgião plástico por mais de quarenta anos. Antes disso iniciou a sua carreira artística, que teve início em 1943 (METZLER, 1990, p. 07). A sua produção artística abrange pintura, escultura, fotografia, desenhos, charges, cartum e caricaturas. No entanto, irá ser reconhecido nacionalmente por sua obra pictórica.

¹ Em 21 de setembro de 1871, por meio do Governo da Província de Minas Gerais, instituiu-se a Irmandade Nossa das Mercês da Santa Casa de Montes Claros, acolhida canonicamente pela Igreja Católica. Atualmente, é o maior hospital do Norte de Minas Gerais. Informações disponíveis em: <<http://www.santacasamontesclaros.com.br/index.php/pages/historico>> Acesso em 20 de março de 2017.

Mas através da quantidade de imagens que esse médico/fotógrafo/artista produziu em meados da década de 1950 e colecionou por quase setenta anos talvez seja possível começar a mensurar a sua admiração pela fotografia. São milhares de negativos em preto e branco e centenas de ampliações fotográficas realizadas por ele mesmo. Esse acúmulo de fotografias foi cedido para essa pesquisa por sua nora Maria Elvira R. Christoff, em 2015. Ao receber essas 3.396 imagens elas estavam, em grande maioria, negativas. Todas em preto e branco, em diferentes tamanhos, formatos e suportes. Foram guardadas e envolvidas pelo esquecimento e pelo silêncio durante décadas, até o início dessa pesquisa.

Konstantin Christoff, com seu olhar estrangeiro, agia como andarilho tanto pela cidade como em suas redondezas, fotografando paisagens do sertão do Norte de Minas Gerais e os sertanejos (Figuras 01 e 02). Além disso, fotografou os pacientes, internos da Santa Casa de Misericórdia de Montes Claros, os familiares e os amigos próximos. Isso ocorrerá logo após a sua formatura em Belo Horizonte e de seu retorno a Montes Claros, em 1948. Com essas ações acabou por mapear a população norte-mineira, criando um tipo de inventário iconográfico local.



Figuras 01 e 02: Konstantin Christoff, s/título, Montes Claros, 195-.

Fonte: Acervo particular de Maria Elvira C. R. Christoff

Essa produção fotográfica sugere contextualizações com outras imagens produzidas nas primeiras expedições sanitárias realizadas pelo sertão brasileiro no início do século XX no Brasil. Nelas os médicos higienistas, através da fotografia, procuravam registrar as doenças e acabavam por adentrar na vida dos sujeitos.

Nessas incursões as enfermidades eram fotografadas como forma de mapeamento das ocorrências das doenças que se estendeu a seus portadores. Para isso, a doença precisava ter alguma visibilidade, como sinais e saliências na pele ou afetar a aparência ou a coordenação motora do paciente. Assim, as imagens mostram as deformidades do corpo e as suas protuberâncias explícitas (SILVA, 1998).

Longe dos grandes centros, marcada pelo solo árido e pela pobreza, mesmo assim, somente a partir da década de 1970, quando a cidade começa ter um crescimento populacional significativo², Montes Claros receberá intervenções institucionais na área da saúde, definição das políticas sociais e ações governamentais de saúde, dentre elas o Movimento Sanitarista (SANTOS, 1995). Talvez, por esse motivo, encontro apenas Expedições Sanitaristas realizadas próximas de Montes Claros nos primeiros anos do século XX. Mas, mesmo assim, as fotografias dessas expedições apresentam os enquadramentos, as poses e as doenças igualmente registradas por Konstantin Christoff décadas depois, como o bócio, a elefantíase e a varíola.

Entendo que os retratos de doentes produzidos por Konstantin Christoff, além da proximidade com a fotografia sanitaria, podem buscar relações com outras fotografias: tanto aquelas produzidas com finalidades científicas como aquelas que se esmeram pela estética pictorialista. Interessa entender as ambigüamente que impregnam os retratos de doentes produzidos por Konstantin Christoff, já que guardam relações com o “olhar cientificista” e sofrem interferências de seu olhar sensível e subjetivo de artista. Diante do exposto, questiono se todas as fotografias produzidas no hospital do sertão norte mineiro pelo médico/fotógrafo/artista podem ser consideradas médicas- científicas e/ou possuem vínculos com a arte.

3 | O EXPECTADOR: ENTRE OLHARES TÉCNICOS E SENSÍVEIS

Depois de tanto tempo guardadas, diante do meu olhar, as imagens dos internos da Santa Casa de Misericórdia de Montes Claros-MG ressurgem e com elas, nas palavras de Doboís (1998), revivem os “seres fantás(m)áticos” e os lugares que eles habitam. Assim, reafirmam a presença de vida na imagem e permitem construir diversos olhares para o corpo doente. Tanto do ponto de vista no contexto de produção dessas imagens, tanto do ser que fotografa quando daquele que é fotografado, como também do expectador das imagens do corpo enfermo.

Dentre a imensa quantidade de fotografias produzida e colecionada por Konstantin Christoff identifico (através do próprio enquadramento fotográfico) pouco mais de 200 imagens produzidas no contexto hospitalar. Muitas delas me causam estranheza (Figura 3). Nelas, vejo os corpos deformados pela doença: vestidos e nus; velhos e novos; femininos

2 Em todo município, ao final da década de 1950 havia uma população total de 52.367 pessoas, da qual, 74, 63 % da população não sabia ler ou escrever. A população ao final da década de 1960 totalizava 136.472 pessoas. (PEREIRA, 2001)

e masculinos; mestiços e negros encenam e posam para o olhar do fotógrafo. Segundo Gil (2000) o fascínio e a vertigem provocada pelo corpo considerado diferente não é senão a desfiguração do “Mesmo no outro”. Procuramos por contraste uma imagem estável de nós mesmos, por isso, esse corpo humano considerado culturalmente monstruoso, atrai.



Figura 3: Konstantin Christoff, s/t., Montes Claros-MG, 195-.
Fonte: Acervo fotográfico de Maria Elvira Romero C. Christoff

Além das deformidades corporais provoca-me um choque visual a nudez patológica e a fragmentação do corpo pela doença e pelo enquadramento. Diante disso entendo que a coleção utilizada nessa pesquisa congrega importantes eixos de reflexão sobre a imagem. A partir dela, como sugere Cascais (2017, p.61) é possível observar os regimes de visibilidades sofridos pelo corpo enfermo que, talvez, disfarcem “o voyeurismo comum à ciência, à cultura popular e às artes visuais”.

Pela imagem percebo tanto as lesões e as deformações no corpo sintomático, quanto pacientes internados que apenas através do enquadramento fotográfico não foi possível identificar se algum mal os acometia (Figura 4). Nesse ponto, recorro à Canguilhem (1978), que considera as relações ambíguas que se estabelecem historicamente entre o normal e o patológico. A partir daí, pondero que a doença pode estabelecer padrões visuais de normalidade ao corpo.



Figura 4: Konstantin Christoff, s/t., Montes Claros-MG, 195-.
Fonte: Acervo fotográfico de Maria Elvira Romero C. Christoff

Da profunda ambiguidade que define o retrato e situa-o entre o documento e a expressão (ROUILLÉ, 2009) e como Monteiro e Souza (2015, p. 241) esse estudo prevê duas estéticas fotográficas: uma expressiva e artística e outra do documento, da ciência e da verdade “que expõe o corpo e suas intenções, que o fragmenta e o patologiza”.

Dessa carga ambígua resulta que parte das fotografias em estudo passam por ordenação dos corpos e de olhares técnicos que o avaliam e, nesse caso, procuram verdades e articulam-se da legitimidade científica. Assim, esses retratos sugerem possíveis utilizações de performances de caráter antropométrico para posicionar e enquadrar que se imbricam nas formas de classificação, segregação e exclusão dos corpos.

Diante dessa perspectiva problematizo a utilização da fotografia que pode revelar envolvimento nas relações de gênero, classe social e racial e, portanto, procura estabelecer classificação, criar tipos e convergir para um exercício de poder sobre o sujeito e a sua imagem. Principalmente quando se leva em conta que segundo os primeiros estatutos a Santa Casa de Misericórdia de Montes Claros admitiam ser um “hospital para doentes pobres e desvalidos” (VIANNA, 1962, p. 135).

Segundo Silva (2003), por vezes, a fotografia apoiou-se na presunção de averiguar as questões de eugenia. Enquadrando e identificando faces, oferecendo medidas, formas e combinações tanto para identificar um infrator - na fotografia antropométrica - como servindo de memória ao médico. Em ambos os casos, demonstra-se como a técnica fotográfica aliada à ciência médica converge para um modo de ver revelador do imaginário ocidental do século XIX.

4 | EM CENA: A ORDENAÇÃO DOS CORPOS

Para Rouillé (2009, p. 80), compete ao documento se inserir “numa rede confiável de continuidades e de mediações, capaz de permitir um retorno pertinente, sempre específico da imagem para a coisa”. Nesse sentido, cabe à fotografia a credibilidade documental que tanto busca a ciência. Assim, desenvolvem-se no meio científico diversas técnicas e práticas de convencimento que se utilizarão das imagens como método para medir, analisar e reconhecer os corpos.

Segundo Mauad (1996), deve-se ultrapassar o senso comum que concebe a fotografia como mero *analogon* da realidade, nessa esteira torna-se necessário conceber a fotografia como o resultado de produção de sentido. Mesmo assim, avaliando o poder de prova, de demonstrar e/ou comprovar evidências dos sintomas das enfermidades pela objetividade técnica atribuída à fotografia, desde o seu invento, será através da imagem sistemática, regulada por um processo métrico que o corpo objetivado pela ciência médica propõe se mostrar (SICARD, 2006; ORTEGA, 2008).

No século XIX, ao pretender utilizar a fotografia como diagnóstico será com rigor que a ciência médica anseia capturar a realidade sem retoques e desprovida da subjetividade artística:

as imagens devem ser directas, claras e facilmente inteligíveis. Não podem ter ambiguidades. Para conseguir esta objectividade, as linhas da patologia têm que ser nítidas, e a luz uniforme, para não induzir uma representação subjectivante. O enquadramento ideal é o grande plano para isolar o fragmento corporal patológico do resto do contexto. A composição da imagem deve ser equilibrada e clássica, colocando o assunto principal no centro da imagem. (GIL, 2015, p. 181)

Nesse sentido, a fotografia judiciária deveria obter a maior objetividade e precisão na captura das fâceis dos criminosos. A partir desse sistema, conhecido como sistema antropométrico, uma reincidência do suspeito poderia ser detectada e seu nome poderia ser inserido nos registros criminais. Assim, as fotografias deveriam ser “métricas”: obedecer a certa ordem de acontecimento e às regras compositivas determinantes para dar maior visibilidade aos sujeitos fotografados ao serem identificados. É uma relação de subjugação instrumentalizada pela imagem e reguladora dos corpos como objetos de estudo.

Certos de que a fotografia era superior às descrições verbais, junto às pretensões de gerir imagens livres de conter ambiguidades, como pretende a ciência, aprisionou-se o corpo a uma cadeira (os criminosos se sentavam para serem fotografados), capturando-se metodicamente a sua imagem; o corpo do criminoso conformava-se ao poderio judiciário e às suas imposições.

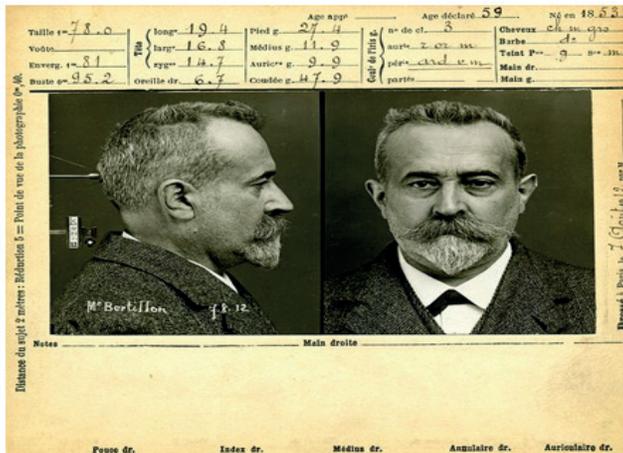


Figura 5: Alphonse Bertillon, Tiros, 1913.

Fonte: <http://advisor.museumsandheritage.com>

Como na fotografia judiciária a fotografia médica procurará regimes visuais para capturar o doente e/ou a doença através da imagem. E igualmente utilizará das técnicas métricas para se aproximar dessa objetividade e empregará o método face/perfil (Figura 5) como propunha Alphonse Bertillon (1853-1914). O método de Bertillon já não mais permitia qualquer fotografia do sujeito, mas aquela que fosse produzida a partir de rígidos métodos. É possível verificar essa técnica sendo utilizadas em algumas fotografias produzidas por Konstantin Chistoff décadas mais tarde como pode ser verificado, por exemplo, nas Figuras 6 e 7.



Figuras 6 e 7: Konstantin Christoff, s/t., Montes Claros-MG, 195-.

Fonte: Acervo fotográfico de Maria Elvira Romero C. Christoff

No entanto, Didi-Huberman (2015) afirma que a utilização da fotografia como modelo para as práticas artísticas foi recursiva, desde os seus primórdios, pelo fato de a ciência entender que a fotografia talvez não conseguisse expressar e/ou deixar à mostra a nitidez do corpo, cabendo à subjetividade da arte registrar apenas o que fosse de interesse à medicina.

5 | EM CENA: GESTUALIDADES CORPORAIS

Com pretensões de obter imagens objetivas, o registo fotográfico das patologias psiquiátricas começou na Inglaterra e em França na segunda metade do século XIX. No entanto, a fotografia documentaria as “doenças da alma”, tendo por mediador o corpo, já que se acreditava que a loucura se manifestava através da gestualidade corporal e das expressões faciais. Nesse caso, as questões da objetividade fotográfica foram transgredidas, mesmo que involuntariamente (GIL, 2015, 178).

Nesse sentido, Didi-Huberman (2015) se refere ao imenso acervo fotográfico produzido pelos médicos da *Saltrépière*, na França. Ali, como em um estúdio fotográfico, “autenticava-se uma existência por recursos cênicos” (p. 92). Assim o serviço hospitalar se muniu de acessórios para atender às práticas fotográficas:

atelier envidraçado, laboratório escuro e laboratório claro. Um dispositivo protocolar: estrado, camas, biombos e cortinas de fundo, pretas, cinza escuro, cinza-claro; apoio para cabeças, tripés. [...], emprego de luzes artificiais e todos os aperfeiçoamentos da revelação. (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 71)

Munidas de recursos cênicos, desde que as primeiras fotografias psiquiátricas foram produzidas pelo médico Inglês Hugh Welch Diamond (1809 – 1886), no *Surrey Country Lunatic Asylum*, podiam ser relacionadas com a fotografia pictorialista (Figura 08).



Figura 08: Hugh Welch Diamond, Paciente do *Surrey County Lunatic Asylum*, 1850.

Fonte: <https://www.metmuseum.org/art/collection>

Entre encenações e manipulações, segundo Didi- Huberman (2015, p. 68), “apesar da paixão pela exatidão que Diamond havia alegado”, por toda a Europa “os loucos e as loucas tiveram que posar para as suas fotografias”. A fotografia de Diamond é um marco no desenvolvimento da ilustração, adquirindo uma importância estética que se aproxima da estrutura compositiva dos retratos não científicos produzidos na época.

Para Mello (1998) os pictorialistas pretendiam reivindicar o reconhecimento da fotografia enquanto imagem artística. Para alcançarem esse objetivo irão utilizar uma série de recursos para “controlar as tonalidades, introduzir luzes e sombras e remover detalhes” que “além de refletirem uma recusa do real, questionam a própria natureza da câmara” (p. 38).

Nesse período, segundo Doboys, afirma que quando os fotógrafos pretenderam tornar a fotografia uma arte, passam a não a considerá-la como simples técnica de registro objetivo da realidade:

os pictorialistas não conseguem propor algo além de uma simples inversão: tratar a foto como exatamente uma pintura, manipulando a imagem de todas as maneiras: efeitos sistemáticos de *flou* como num desenho, encenação e composição do sujeito (DOBOIS, 1998, p. 33)

Assim, a encenação estará presente na imagem fotográfica desde os seus primórdios “onde as durações das poses parecem determinar a estética da encenação por necessidade” e na fotografia pictorialista “onde a pose é uma escolha estética em oposição àquela dos entusiastas do instantâneo” (POIVERT, 2016, p. 104).

Nessa esteira, na coleção de fotografias em estudo muitos retratos dos enfermos são norteados por poses que não se baseiam na visualização objetiva dos corpos doentes. Em quase todas as fotografias, em preto e branco, destacam-se os enquadramentos que se esmeram pela qualidade estética e os altos contrastes acromáticos.

Além disso, percebo nos retratos produzidos na Santa Casa de Saúde de Montes Claros sujeitos em poses que se conformam mais em regras composicionais e de performatividade do que naquelas consideradas científicas que aprimoram as técnicas de medições para garantir certa visibilidade do corpo enfermo. O fotógrafo confessa que “as boas fotografias” que produziu (entre elas algumas daquelas tiradas no hospital) se resultaram de poses:

Nas minhas fotografias a iluminação era natural. Todas as boas fotografias em geral eram posadas. Nunca gostei de luz artificial que era feita com iluminação a bulbo ou com lâmpadas solteiras. Apareceu o instantâneo principalmente com flash de lâmpada elétrica. Todas essas fotografias eram poses mesmo. (CHRISTOFF, 2008, p. 88)

Nesse contexto, os retratos dos enfermos ultrapassam algumas das fronteiras que tentam limitar o campo científico e estão longe do que a tecnologia médica aliada a certas regras dos registros visuais científicos propõe. Como Nobre (2015) entendo que a fotografia aqui é “performance que não pressupõe a sua imobilização na imagem” (2015, p.2). Interessa compreender os deslocamentos provocados pelas poses e encenações no registro fotográfico tanto como mecanismo de geração de memória ou mesmo enquanto recurso criativo.

Portanto, ao orientar pelo conceito de performatividade fotográfica - que designa o registro de uma ação do corpo - as imagens em estudo (Figuras 9 e 10) sugerem aproximações com as práticas fotográficas modernistas da virada do século XIX. Época marcada pela intensa produção fotográfica regida pelo espetáculo que transformaram os estúdios fotográficos em cenários e os retratos em experiências performáticas.



Figura 9 e 10: Konstantin Christoff, s/t., Montes Claros-MG, 195-.

Fonte: Acervo fotográfico de Maria Elvira Romero C. Christoff

Diante dessas considerações, como Soulages (2010) pondera a respeito da fotografia pictorialista considero a maneira fotográfica de gravar as aparências visuais para produzir o fotográfico que acaba numa articulação entre a estética do retrato com a da encenação. Dessa maneira, a visibilidades dos corpos - sintomáticos ou não - “reivindicam uma forma de liberdade, uma espécie de direito à inexatidão” (SICARD, 2006, p. 165).

Com inexatidão as fotografias produzidas pelo médico/fotógrafo/artista no contexto hospitalar constantemente transitam entre as poses: tanto aquelas de caráter antropométrico quanto aquelas de caráter artístico e que se esmeram pela encenação. Mas, em ambos os casos, o rigor estilístico e o interesse pelos aspectos da fotografia pictorialista são verificáveis em seus enquadramentos.

Assim, a visualização dos sujeitos fotografados e suas patologias superam a objetividade fotográfica pretendida pela ciência médica. Argumento nessa pesquisa, a partir de Elkins (2011), que as imagens científicas podem ser expressivas desde o seu lugar de produção - nesse caso, o hospital. Nesse sentido, entendo que o processo fotográfico possibilita a construção de um imaginário do corpo e de um novo olhar para a fotografia médica.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em quase todas as fotografias da coleção em estudo é perceptível retratos de sujeitos em poses que possibilitam certa visibilidade do corpo enfermo e sugerem a aproximação dessas imagens com a fotografia de caráter artístico produzida do final do século XIX, em que se considera a articulação entre a estética do retrato com a da encenação.

Nessa esteira, investigo essa dupla relação arte/ciência na produção das imagens e não proponho superar esse conflito ou estabelecer e definir um limite, mas busco por diálogos e interrelações entre esses dois campos de saberes. Nesse aspecto, interessa entender se as fotografias de doentes produzidas pelo médico Konstantin Christoff dos doentes internos na Santa Casa de Saúde de Montes Claros-MG, também possuem proximidades com a estética pictorialista.

Desses imbricamentos entre as representações do corpo pela arte e pela ciência e a partir dos registros fotográficos produzidos através das percepções do sujeito artista e médico, ambos construtores de sentidos, reflito acerca do corpo-imagem e do corpo-objeto, assumindo que as imagens científicas também podem ser carregadas esteticamente desde a sua produção e, historicamente, promoveram a Cultura Visual da Medicina.

REFERÊNCIAS

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Trad. Maria Tereza R. de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

CASCAIS, A.F. Hermafroditismo e intersexualidade na fotografia médica portuguesa. *Comunicação e Sociedade*, vol. 32, 2017. <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/2751/2659> Acesso em 12 de fevereiro de 2018.

CHRISTOFF, Maria Elvira Curty Romero. *As imagens da estética do grotesco na arte de Konstantin Christoff*. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

DOBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papiрус, 1998.

ELKINS, James. História da arte e imagens que não são arte. Trad. Daniela Kern. *Revista Porto Artes*. Vol. 18. N. 30. P. 8-41, 2011. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/29619> Acesso em: 30 de agosto de 2015.

GIL, Ines. *Imagens em sofrimento nas fotografias psiquiátricas*. In CASCAIS, A.F. (Org). Olhares sobre a cultura visual da medicina em Portugal. Leya Editores, Lisboa, 2015.

GIL, José. Metafenomenologia da monstruosidade: o devir monstro. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAGALHÃES, Ângela; PEREGRINO, Nadja F. *Fotoclubismo no Brasil: o legado da sociedade fluminense de fotografia*. Rio de Janeiro: Senac, 2012.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história- interfaces. *Tempo*. Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996. Disponível em http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf Acesso em 02 maio de 2013.

MELLO, Maria Teresa Villela Bandeira de. MELLO. *Imagens da memória: uma história visual da malária (1910-1960)*. Tese (Doutorado em História). UFF. Niterói, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2007_MELLO_Maria_Teresa_Villela_Bandeira-S.pdf Acesso em 20 de fevereiro de 2017.

MONTEIRO, Rosana Horio; SOUZA, Camila Maissune de. 3x4: fotografia de prisão contemporânea e as representações do corpo encarcerado em duas prisões femininas de Moçambique. *VISUALIDADES*, Goiânia v.13 n.1 p. 236-257, jan-jun 2015. Disponível em <<http://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/16615/5/Artigo%20-%20Camila%20Maissune%20de%20Sousa%20-%202015.pdf>> Acesso em março de 2018.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

POIVERT, Michel. Notas sobre a imagem encenada, paradigma reprovado da história da fotografia? Trad. Fernanda Veríssimo. PORTO ARTE: *Revista de Artes Visuais*, v. 21, n. 35, ago. 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/73716>>. Acesso em: 14 junho de 2019.

ROUILLÉ, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. Trad. Constança Egrejas. São Paulo: Editora Senac, 2009.

SANTOS, Regina Célia N. *História do projeto Montes Claros*. In TEIXEIRA, Sônia Maria F. (org.) Projeto Montes Claros: a utopia revisitada. Rio de Janeiro: Abrasco, 1995.

SICARD, Monique. *A fábrica do olhar: imagens da ciência e aparelhos de visão (século XV-XX)*. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2006.

SILVA, James Roberto. *Doença, Fotografia e representação*. Revistas médicas em São Paulo e Paris, 1869-1925. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo (USP), São Paulo. S.P, 2003.

VIANNA, Nelson. *Efemérides Montesclareses – 1707- 1962*. Rio de Janeiro: Irmãos Ponguete, 1964.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abaetetuba 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 213

Anatoli Vassiliev 116, 117, 119

Arte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 27, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 66, 69, 70, 72, 73, 84, 87, 88, 91, 92, 110, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 129, 131, 132, 133, 134, 140, 141, 142, 147, 153, 154, 156, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 186, 190, 191, 193, 194, 195, 200, 201, 207, 208, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 240, 241, 242, 244, 245, 247

Arte-ciência 131, 132, 133

Artes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 24, 27, 28, 30, 31, 32, 44, 45, 47, 49, 51, 54, 55, 56, 61, 69, 70, 74, 77, 79, 84, 85, 86, 89, 93, 99, 102, 105, 106, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 138, 141, 145, 156, 170, 188, 190, 191, 217, 218, 220, 221, 234, 235, 246, 247

Artes Cênicas 16, 23, 24, 27, 28, 77, 79, 85, 86, 89, 93, 102, 105, 116, 118, 120, 121, 127, 218, 221

Arte urbana 190, 193, 194, 195, 200

Autoconhecimento 110, 113, 206, 235, 241

Autoficção 84, 85, 86, 87, 89, 90, 93

B

Bailarina 103, 146, 149, 174, 235, 239, 243, 244, 247

C

Cena 23, 24, 27, 28, 29, 30, 38, 39, 40, 41, 63, 65, 74, 75, 79, 81, 84, 90, 93, 102, 103, 104, 109, 116, 117, 118, 120, 121, 146, 155, 174, 175, 176, 239, 241, 242, 243

Cinema 1, 3, 5, 13, 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 36, 43, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 91, 238

Cinema brasileiro 43, 71, 76, 78, 82

Coleção 44, 57, 61, 67, 68, 170

Corpo 20, 27, 28, 29, 53, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 80, 81, 89, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 148, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 176, 205, 212, 215, 217, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 229, 230, 231, 234, 236, 244

Crime 32, 36, 37, 40, 41, 196

Cultura 2, 8, 9, 16, 19, 21, 31, 42, 46, 47, 54, 55, 61, 69, 70, 73, 78, 79, 80, 89, 90, 91, 117,

118, 121, 122, 123, 125, 127, 128, 129, 132, 139, 141, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 159, 175, 181, 192, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 212, 215, 224, 228

D

Dança 1, 2, 5, 7, 8, 10, 16, 24, 27, 31, 75, 81, 101, 111, 127, 129, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 239, 243, 244

Dança Afro-Brasileira 143, 145, 146, 148, 155, 157

Dramaturgia 23, 28, 30, 91, 93

E

Educação 1, 2, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 20, 21, 22, 31, 45, 46, 49, 53, 82, 89, 90, 91, 95, 118, 125, 129, 130, 141, 143, 145, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 177, 180, 181, 189, 190, 195, 196, 200, 202, 203, 204, 210, 211, 212, 213, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 228, 245

Encenação 2, 6, 7, 9, 10, 11, 14, 21, 22, 56, 66, 67, 68, 89, 90, 115, 117, 118, 120, 121, 123, 125, 126, 131, 134, 140, 156, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 183, 191, 198, 200, 202, 204, 211, 212, 214, 215, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 225

Ensino 6, 11, 89, 170, 190, 191, 192, 193, 200, 210, 211, 212, 216

Espelho 79, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246

Experiência 9, 15, 17, 18, 21, 28, 29, 79, 81, 84, 85, 86, 87, 90, 98, 102, 103, 107, 108, 109, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 148, 157, 158, 164, 165, 166, 168, 169, 176, 182, 217, 218, 219, 220, 222, 228, 229, 231, 232, 238

F

Fenomenologia 77, 161, 234

Ficção 35, 36, 37, 75, 84, 85, 86, 87, 90, 147, 150, 152

Fotografia 3, 13, 36, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 126, 128, 132, 235, 237, 239, 240, 241, 244, 245, 246, 247

Fotografia médica 57, 64, 68, 69

H

História 3, 4, 8, 9, 11, 16, 21, 25, 27, 32, 33, 35, 40, 44, 47, 50, 52, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 78, 79, 80, 82, 90, 91, 92, 93, 98, 100, 104, 109, 112, 113, 146, 148, 150, 151, 152, 157, 158, 159, 160, 164, 191, 195, 200, 202, 204, 205, 208, 209, 213, 218, 228, 229, 230, 234, 236, 238, 242, 246, 247

I

Indivuação 106, 112

Intermídia 131, 132

K

Konstantin Christoff 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 68, 69

M

Marabá 44, 45, 46, 47, 49, 50, 53, 54, 55, 56

Mediação teatral 120, 121, 123

Membranas 131, 136, 138, 139, 141

Memória 8, 49, 62, 67, 70, 72, 81, 84, 85, 86, 90, 93, 103, 120, 121, 122, 123, 125, 146, 160, 177, 182, 184, 230, 232, 240, 241, 245

Mercedes Baptista 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 155, 157, 158, 159, 160

Mikhail Butkevich 116

Miriti 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 215, 216

Modos de endereçamento 23, 26, 27, 28, 30, 31

O

Oralidade 81, 143, 144, 147, 153, 186, 206

P

Pandemia 217, 218, 219, 222, 223, 225

Pedagogia Crítica Performativa 217, 218, 221, 222, 224

Performance 23, 30, 57, 67, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 115, 131, 132, 133, 135, 136, 144, 155, 175, 177, 179, 182, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226

Processo criativo 5, 13, 16, 23, 24, 28, 30, 110, 148, 150, 154, 156, 239

R

Realidade 9, 14, 20, 35, 63, 66, 74, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 111, 113, 117, 129, 131, 136, 137, 163, 175, 202, 204, 205, 206, 207, 210, 213, 214, 219, 221, 223, 226, 239, 241, 245

Reflexo 4, 7, 29, 235, 237, 240, 241

Respiração 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115

S

Sensibilidade 3, 10, 47, 86, 114, 161, 162, 163, 164, 206

Stanislávski 116, 117, 118

T

Teatro 11, 1, 2, 3, 5, 7, 10, 12, 13, 15, 16, 19, 23, 28, 29, 31, 71, 72, 73, 74, 75, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 123, 124, 127, 129, 146, 153, 221, 222, 234, 239, 241

Teoria do Fluxo 217, 218, 219, 223

Tradução Intersemiótica 132, 142

V

Vocalidade 106, 107, 108, 109, 112, 113, 114

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

ARTES:

PROPOSTAS E ACESSOS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

ARTES:

PROPOSTAS E ACESSOS